

Lugar: percepções e vivências
- estudos de Portugal Pequeno e São Domingos, Niterói

Lugar: percepciones y experiencias
- estudios en Portugal Pequeno y São Domingos, Niterói

Place: perceptions and experiences
- studies about Portugal Pequeno and São Domingos, Niterói

Heloisa Bueno Rodrigues

Palavras chave:

Lugar

Errâncias

Cidade cenário

Requalificação/
revitalização

Resumo:

Este ensaio busca, através da compreensão dos espaços urbanos e seus usos, identificar e entender a cidade como um espaço de encontros, fortalecedor de vivências, formador de identidades e de pertencimento, permeado de sentido e memória, compreendendo o espaço para além da sua construção física e da visão técnico-científica-hierárquica de alguns urbanistas e pesquisadores. O enfoque, portanto, pretende construir uma visão mais humana da cidade indo de encontro aos modelos de cidades “vazias”, cidades cenários, cidades shoppings, enfim, cidade espetáculo, e ao encontro das mais modernas correntes de pensamento sobre o olhar da(na) cidade, que humanizam os estudos sobre elas.

Com base neste fundamento e tendo como recorte a cidade de Niterói, escolhemos como núcleos para esta pesquisa, Portugal Pequeno, pequena faixa litorânea, localizada no bairro de Ponta d’Areia, que teve grande participação na história da formação da Cidade e, em uma análise paralela, trabalhamos também, o bairro São Domingos com foco no espaço circundante à Praça Leoni Ramos, conhecida como Praça da Cantareira, que, assim como o anterior, possui grande valor histórico para Niterói.

Resumen:

Este ensayo pretende, según la comprensión de los espacios urbanos y sus usos, identificar y entender la ciudad como un espacio de encuentro y experiencias generadoras de identidad, pertenencia, significado y memoria, examinando el espacio más allá de su construcción física y técnico-científico-jerárquica que apoya la visión de algunos planificadores urbanos. El enfoque, de este modo, tiene la intención de construir una mirada más humana de la ciudad en oposición a los modelos de ciudades “vacías”, ciudades escenarios, ciudades shoppings, o aun ciudades espectáculos, valiéndose para tal de las corrientes más modernas del pensamiento sobre la ciudad y su humanización.

Siguiendo este fundamento, y teniendo como campo de estudio la ciudad de Niterói, se eligió como núcleo de esta investigación, Portugal Pequeno, pequeña franja costera, situada en el barrio de Ponta d’Areia, que tomó gran interés en la historia de la formación de la ciudad. En un análisis paralelo, se ha estudiado también el barrio de São Domingos, en redor de la plaza Leoni Ramos, conocida como Praça da Cantareira, que, al igual que la anterior, tiene un gran valor histórico para Niterói.

Palabras clave:

Lugar
Andanzas
Ciudad escenario
Reconstrucción/
revitalización

Keywords:

Place
Wanderings
City scene
Redevelopment/
revitalization

Abstract:

This essay seeks, through understanding of urban spaces and their uses, identify and understand the city as a meeting space, empowerer of experiences, forming identities and belonging, traversed by memory and feelings, understanding the space beyond its physical construction and the scientific-technical-hierarchical vision of some urban and researchers. Therefore, the main purpose of this paper is to build a more humane vision of the city, going against “empty” city models, scenario cities, town malls, finally, city spectacle, and trending the modern currents of thought about the look of the city, which humanizes the studies on them.

On this basis, and taking as analysis sample the city of Niterói, we chose as nuclei for this research, Portugal Pequeno, small strip seaside, located in the district of Ponta d’Areia, who had great contribution to the city construction and, in a parallel analysis, we also worked on São Domingo neighborhood focusing in the surrounding space of Leoni Ramos Plaza, known as Cantareira Plaza, which thus as the previous onde, has great historical value to Niterói.

**Lugar: percepções e vivências
- estudos de Portugal Pequeno
e São Domingos, Niterói**

O texto a seguir é fruto de um processo de pesquisa desenvolvido junto à UFF (Universidade Federal Fluminense), com o apoio da FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro). Embora já passados alguns anos, entendemos que as reflexões aqui desenvolvidas ainda são muito atuais, o que justifica sua publicação.

O conhecimento do lugar, a identificação de seus espaços de uso coletivo e o entendimento de suas potencialidades como espaços de convivências, trocas e do fazer cultura (entendendo a cultura como o cultivo de práticas que envolvem grupos) e não como uma planta baixa do espaço físico foi outro norteador da pesquisa.

Buscou-se reconhecer, através da vivência, as potencialidades dos espaços públicos e entender se ações de arte e entretenimento podem fortalecer esses espaços enquanto uso, ou se são usados apenas como marketing para atrativos. Buscou-se, ainda, analisar os discursos e práticas dos moradores e transeuntes a fim de captar quais os usos que eles fazem dos espaços e o que eles de fato pensam sobre o lugar onde moram ou frequentam, tendo como objetivo entender a simbologia das práticas e dos discursos daqueles que dão vida ao lugar. Além disso, compreender a construção e a desconstrução das identidades e das memórias do lugar, definindo um diagnóstico que pudesse mapear símbolos e discursos, identificando os valores e a vocação dos espaços.

Para alcançar tais objetivos, definimos nossa metodologia por meio de estratégias de apreensão e uso do espaço. Buscamos o estudo e a análise do espaço urbano experimentado, a prática de errâncias urbanas (como proposto por Paola Berenstein Jacques), uma forma particular de compreensão e apropriação do espaço urbano, que busca romper com a superficialidade das análises e que foge a obviedade dos riscos e análise superficiais de alguns estudiosos. A prática de errâncias constitui o ato de vivenciar o lugar para além do estético, numa postura crítica, propositiva, subjetiva, que inibe o olhar espetacular e permite que na lentidão da vivência a superficialidade seja superada e as práticas reais sejam enfim desvendadas:

a lentidão do errante não se refere a uma temporalidade absoluta e objetiva, mas sim relativa e subjetiva, ou seja, significa uma outra forma de apreensão e percepção do espaço urbano, que vai bem além da representação meramente visual. São os homens lentos, como dizia Milton Santos, que podem melhor ver, apreender e perceber a cidade e o mundo, indo além de suas fabulações meramente imagéticas.... (JACQUES, 2007, p.99)

Definimos, portanto esta prática como nossa linha guia metodológica e sendo assim, é a partir dela que pesquisamos, refletimos e readequamos a aplicação das demais ferramentas, anteriormente definidas, que estão na descrição a seguir: mapeamentos de espaços e vivências, com visitas ao local e maior compreensão do espaço e seu pulsar; análise para além dos cenários; tratamento do corpus documental (jornais e mapas), com materiais sobre os bairros e/ou trechos a serem estudados; uso da observação participante e de entrevistas em profundidade, buscando a

compreensão de suas práticas urbanas; e aplicação de questionário, definindo uma análise quantitativa e estatística quanto à ocupação dos espaços públicos e o pensamento daqueles que o praticam.

Entendendo a cidade

Para trabalhar o conceito de cidade e a compreensão mais ampla de uma análise de usos e de pesquisa de campo, a leitura de “Quando a rua vira casa” (SANTOS et al., 1985) se mostra essencial. Este livro tece uma comparação entre dois territórios, Catumbi e Selva de Pedra (Leblon), no Rio de Janeiro, realizando um estudo etnográfico das práticas e usos dos espaços públicos nesses lugares. Conceitos como as dimensões simbólicas na construção do cotidiano, os valores, o entendimento de que a “etnografia de um espaço social não pode ser senão a etnografia do que se passa nele” e a defesa da diversidade de usos do espaço como fator primordial para a construção de uma cidade e sociedade saudável, contrapondo-se a moda pós-moderna de isolar e restringir cada vez mais as relações, definiu uma primeira linha lógica para a pesquisa.

A leitura de “Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade” (AUGÉ, 1994) possibilitou outro entendimento, complementar, da construção do espaço. Trabalhando com os conceitos e definições de lugar e identidade, na história e na antropologia, apresenta um novo conceito que ao ser assimilado permite um mergulho ainda maior no observar da realidade, sendo este o conceito de *não-lugares*. Contrapondo-se ao entendimento de que um lugar possibilita a construção de relações, de identidade, pertencimento e a construção de uma história, Augé des-

creve o não-lugar como o exato oposto, um espaço que não comporta nenhuma dessas características. No entanto, deixa claro que nenhum lugar está livre de se tornar um não-lugar, assim como do contrário também. Afirmativa explícita no trecho que segue:

Na realidade concreta do mundo de hoje, os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares (e que sonha, por exemplo, com uma residência secundária enraizada nas profundezas da terra). Lugares e não-lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e as noções que permitem descrevê-las. (AUGÉ, 1994, p. 98)

Outra fonte importante foi o livro de Stuart Hall “A identidade cultural na pós-modernidade”, que nos possibilitou a compreensão da configuração das identidades, culturas híbridas e os reflexos que os processos de globalização proporcionam às sociedades que estão inseridas na lógica contemporânea de consumo e fluidez de trocas econômicas e culturais nem sempre de igual para igual. Entendemos que ao mesmo tempo em que pensamos na identidade como meio de reconhecimento, seja de pessoa ou lugar, esse meio não é estático, mas está em processo, como aponta o autor: “Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-lo como um processo em andamento.”

O conceito de “*espetacularização*” das cidades, introduzido por Guy Debord, ainda na década de 60 com o livro “Sociedade do Espetáculo” foi ou-

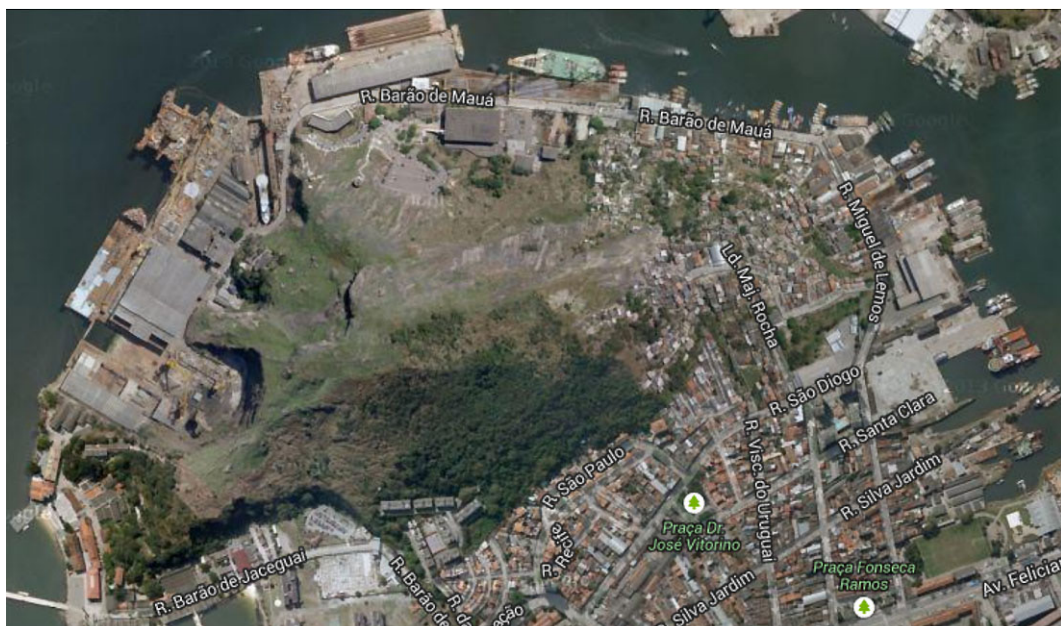
tro ponto considerado. O autor apresenta sua discordância com o modelo de sociedade do consumo que estava se construindo, e que foi adaptado, adequadamente, por teóricos para a tendência contemporânea de transformar as cidades em produtos de consumo para turistas, que mantém relações superficiais com o local que transitam.

As áreas de estudo

A pesquisa ora relatada trabalhou dois espaços da cidade Niterói/RJ: Portugal Pequeno, no bairro de Ponta d'Areia, e a Praça da Cantareira, no bairro de São Domingos.

Vejamos as caracterizações e reflexões sobre cada uma delas.

PORTUGAL PEQUENO



Reconhecidamente tranquilo, por seus moradores e visitantes, o bairro de Ponta d'Areia se configura como um espaço rico em história e singularidades, um lugar diferenciado dentro da malha urbana da cidade. Com uso majoritariamente residencial e algum comércio de primeiras necessidades, Ponta d'Areia tem como fronteiras os bairros do Centro, Santana e em sua maior extensão, a Baía de Guanabara. O bairro teve sua ocupação original ligada à pesca de baleias, e logo após despontou em sua vocação industrial com a instalação de estaleiros, sendo os principais: Estaleiro Mauá, sob os investimentos do então Barão de Mauá, a Companhia de Comércio e Navegação, sob os investimentos do Conde Pereira Carneiro e o Estaleiro Barcas S/A.

Além disso, o bairro teve uma forte presença de imigrantes em sua história, principalmente de portugueses, que fundaram uma colônia e garantiram à região as margens da Baía de Guanabara, o nome de Portugal Pequeno. Essa tradição e influência portuguesa motivaram em 1998 um projeto municipal de revitalização:

A revitalização da área partiu de uma proposta que envolveu interessados na recuperação do patrimônio arquitetônico e urbano da área: Prefeitura de Niterói, governo português, comunidade e várias instituições. O projeto foi parte integrante das comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil. O local, devidamente revitalizado, foi entregue a população durante o evento Encontro com Portugal, organizado pela Prefeitura em 1998, tendo a frente Marcos Gomes, Secretário de Cultura da época e do atual governo.¹

No entanto, as bases e motivações desta revitalização, assim como o envolvimento dos moradores da região, se mostraram frágeis demais para resistir ao tempo, como vamos buscar comprovar na conclusão da pesquisa que apresentamos a seguir.

Mapeamento

Em uma análise físico-territorial de Portugal Pequeno, observamos um território com caráter residencial e um comércio pouco desenvolvido, sendo em sua grande maioria bares e lanchonetes que respondem basicamente às necessidades dos funcionários dos estaleiros localizados na região. Casas antigas, sendo três imóveis tombados pela Prefeitura Municipal de Niterói, exibem um ar de abandono e, em alguns casos, graves processos de deterioração, o que surpreende o visitante ao se pensar que, em 1998, esta região foi revitalizada e recuperada pelo governo municipal e parceiros, para a comemoração do evento "Encontro com Portugal". Além das casas e bares, uma fronteira/ limite marcante deste espaço é o Morro da Penha que, de acordo com algumas entrevistas, é uma ocupação tranquila, onde a violência e o tráfico de drogas não se destacam. Tendo como limite territorial a Baía de Guanabara, Portugal Pequeno possui ainda um píer, para ancorar barcos de pesca e quiosques a beira mar, estes também deteriorados. Além disso, destacam-se também os paredões que delimitam as áreas de estaleiros e que, aparentemente, não dialogam com o ambiente externo, a não ser nos momentos de entrada e saída de seus funcionários. Atualmente, estão ativos no local os estaleiros Mac Laren, Barcas Rodriguez, Wilson e Estaleiro Mauá.

Nas visitas a campo foram identificados alguns grupos sociais, sendo eles: grupos de pescadores, que saem bem cedo do píer para áreas mais distantes da baía e voltam para Portugal Pequeno onde "atracam" seus barcos e comercializam o pescado; grupos de comerciantes, que mantêm em torno de si grande parte dos usuários locais; grupos de moradores, e por fim, grupo de operários, frequentadores assíduos do lugar, devido aos empregos nos estaleiros.

O projeto de recuperação de Portugal Pequeno

Para compreendermos como se deu o projeto de recuperação de Portugal Pequeno e seus desdobramentos, buscamos conversar com pessoas que vivenciaram este processo, da parte política, social e alguns moradores que vivenciaram as mudanças propostas pelo projeto.

Além disso, buscamos documentos que apresentassem o projeto e suas propostas de recuperação, assim como reportagens jornalísticas da época, que serviram como importantes fontes de informação para a compreensão do que estava sendo dito e discutido. Algumas reportagens merecem destaque como: *Exposição mostra como ficará Portugal Pequeno* (O GLOBO, 01/02/1998), *Invasão bem-vinda chega de além mar* (O GLOBO, 29/03/1998), *Reabilitação de Portugal Pequeno atrai atenção dos turistas do mundo inteiro* (NITERÓI esporte, lazer, turismo e cultura – ano I nº4, junho 1998) e *Portugal Pequeno espera a conclusão de reformas* (O GLOBO, 06/09/1998).

Em um catálogo do projeto Encontro com Portugal – Brasil 500 Anos, rea-

lizado pela Prefeitura de Niterói, tivemos acesso a uma breve descrição da proposta de intervenção realizada por este projeto para Portugal Pequeno, que -segundo o documento- pretendia “*preservar o espaço urbano e recuperar a qualidade de vida da área*”. A seguir, trecho referente ao projeto e imagens deste catálogo:

A reabilitação se divide em vários aspectos: a recuperação do cais existente; revisão do posteamento elétrico; criação de um novo píer de atracação, que permitirá que turistas cheguem de barco aproveitando as belezas da Baía de Guanabara; colocação de bancos para descanso e contemplação e remanejamento dos quiosques (barracas) atuais com a construção de outros padronizados. O asfalto será retirado e substituído pelos paralelepídeos como originalmente. As fachadas e os revestimentos das casas recuperados seguindo as cores do início do século. Serão colocados toldos nos estabelecimentos comerciais em substituição às marquises e serão tombados a Igreja de Nossa Senhora de Fátima e alguns prédios que ainda apresentam bom estado de conservação.²



Fonte: Catálogo do evento “Niterói Encontro com Portugal – Brasil 500” realizado pela Prefeitura de Niterói em 1998

Com esta revitalização, Portugal Pequeno se tornou o grande estandarte deste evento, explicitando ao máximo as relações de Niterói com Portugal, e justificando, com isso, a realização deste grande evento e a consequente entrada de recursos na Cidade, cumprindo a repetida lógica de intervenções urbanas pontuais.

Errâncias em Portugal Pequeno

Em incursões na região, percorremos ruas um tanto vazias, espaços extremamente calmos, que causam grande desconfiança e estranhamento a quem está acostumado com a correria e a impaciência dos centros urbanos.

Não demora muito e alcançamos a Rua Miguel de Lemos, “portal” da nossa área de pesquisa. Longos paredões de concreto nos indicam que estamos na área dos estaleiros, e estes parecem se impor como barreiras aos frequentadores da região, delimitando seus espaços e estabelecendo ordem e controle de acesso aos espaços, abrindo suas portas para a saída ou a entrada de seu grande quantitativo de funcionários, que nesses horários tornam a região um lugar de ocupação predominantemente masculina. Por este motivo, e por estar claro àqueles que me observavam que minha presença não se tratava de uma presença comum na região, tive grande dificuldade em me aproximar das pessoas sem despertar desconfiança, o que me impossibilitou de realizar “entrevistas informais” sem me identificar como pesquisadora. Percebi então quão raro era a presença de mulheres, que a meu ver seria um meio pelo qual mais facilmente eu conseguiria “entrar” naquele território, e sentia que a todo o momento estava sendo observada.

Além dos estaleiros, que ocupam praticamente toda a área às mar-

gens da Baía, compreendendo a área do píer, Portugal Pequeno tem, na margem oposta à Baía, uma grande extensão de bares, sempre prontos para receber os operários que tem ali um bom lugar para almoçar, descansar e também encontrar os amigos ao final do expediente. Em minhas visitas à região, identifiquei estes bares, embora muitos tenham estrutura precária, como áreas potenciais de convivência, espaços de trocas sociais, culturais e simbólicas, onde as pessoas conversam, dançam e se relacionam com outros, no entanto, na minha percepção seus clientes são quase exclusivamente funcionários dos estaleiros, o que foi confirmado por meio de entrevistas realizadas: quando ao perguntar quais eram os espaços utilizados pelas pessoas para se encontrarem, recebia como resposta sempre a referência de um bar.

Um bar que merece nossa atenção especial é o “Decolores”, bar centenário, famoso por suas sardinhas fritas e pela tradição em frutos do mar e pratos com bacalhau, tendo sido inaugurado com o nome de Café Vila do Conde, quando a região ainda abrigava uma colônia de portugueses. Atualmente o bar continua com suas portas abertas e está nas mãos dos irmãos Marcelo e Ângela Alves, mas a colônia portuguesa já não existe mais, e o bar, assim como todo o seu entorno, parece viver uma fase de decadência (possivelmente, pela falta de diversidade de usos da região, atualmente majoritariamente industrial, o que reduz a circulação de pessoas e a vida social no local).

Muitos dos bares ocupam o térreo de antigos sobrados, belos exemplares da arquitetura eclética de cunho residencial e comercial, que -somados ao mar da Baía- garantiriam à região um ar bucólico, transportando o visitante a um tempo passado, fazendo-o esquecer que a algumas poucas ruas está o agitado

centro urbano de uma das maiores cidades do estado do Rio de Janeiro. No entanto como já citado anteriormente, este cenário vive atualmente um período de decadência, com agressivas intervenções na arquitetura tradicional, perdendo sua singularidade, e o que deveria ser um reduto cultural na cidade, se tornou um espaço de completo abandono pelas autoridades políticas, as mesmas que há tão pouco tempo fizeram dele seu estandarte para a realização de um grande evento na cidade.

Destes exemplares arquitetônicos, pesquisamos os bens tombados e verificamos a existência-persistência de um Cortiço de 1930, ainda hoje em uso; a Igreja Nossa Senhora de Fátima, de 1940, considerada uma das mais antigas do Brasil dedicadas a esta Santa, que abre suas portas todos os dias para os fiéis participarem de suas missas; e um sobrado do início do século XX, conhecido também como “Casa Verde” que, atualmente, está em posse de uma empresa privada.

Vivenciando Portugal Pequeno, pude observar que grande parte dos passantes, quando não funcionários dos estaleiros, eram moradores do Morro da Penha e de residências da região, e não exerciam um uso daquele espaço como um lugar de convivência ou trocas culturais, e sim como um lugar de passagem ao centro da cidade, e tudo o que ele oferece.

Ao contrário das expectativas criadas pelas leituras dos recortes de jornal e do histórico da região, que me faziam acreditar que encontraria um recanto culturalmente rico, assim como um público de turistas e curiosos, na verdade não foi com essa realidade que me deparei. Não tive a oportunidade de encontrar nenhum descendente dos portugueses que colonizaram a região:

em entrevistas realizadas, essas referências eram sempre distantes ou de pessoas já falecidas, alguns entrevistados nem mesmo sabiam da existência de portugueses ali, sendo uma referência a um passado longínquo. Além disso, pude verificar que a revitalização urbana e cultural realizada pelo projeto da prefeitura em 1998, não pôde se sustentar ao longo dos anos. Assim como outras intervenções urbanas, pensadas dentro da lógica das cidades-espetáculo, a revitalização de Portugal Pequeno foi uma ação a mais para entrar na programação do evento, e não uma real manutenção e fortalecimento dos hábitos sociais e culturais da região.

Constatamos hoje um abandono que atinge e diminui em muito o potencial social, artístico e cultural de Portugal Pequeno, com intervenções que alteram ou descaracterizam as fachadas originais, sucateamento dos quiosques e dos espaços de convivência, destruição do pier e abandono, inclusive, no que diz respeito ao sistema de coleta de lixo e limpeza urbana. Tal abandono foi confirmado por entrevistas, pois quando questionei aos entrevistados o que pensavam do processo de revitalização realizado na região, a maioria daqueles que haviam acompanhado o processo responderam que foi bom, mas que depois do evento não houve nenhuma outra ação de manutenção por parte da Prefeitura.

No entanto, não posso deixar de relatar minha impressão quanto às potencialidades da região, pois situado às margens da Baía, em um bairro de fácil acesso, relativamente seguro, próximo ao centro da cidade e historicamente importante, Portugal Pequeno não devia estar abandonado à própria sorte, mas devia ser valorizado e cuidado por todos para que não seja mais um reduto de experiências e vivências culturais a se perder com o tempo.

Registro fotográfico das *errâncias*³



Bem tombado municipal
"CASA VERDE" - Imóvel situado na
Rua Barão de Mauá, 296 – Ponta
d'Areia – Niterói – RJ.



Bem tombado municipal
Cortiço - Imóvel situado na Rua Barão
de Mauá, 322 – Ponta d'Areia



*Bem tombado municipal
Igreja Nossa Senhora de Fátima -
Imóvel situado na Rua Barão de Mauá,
274 – Ponta d'Areia – Niterói – RJ.*



*Presença dos estaleiros
e da indústria naval.*



Vista da Baía de Guanabara com a presença da indústria e a Ponte Rio-Niterói ao fundo.



Bares e pessoas

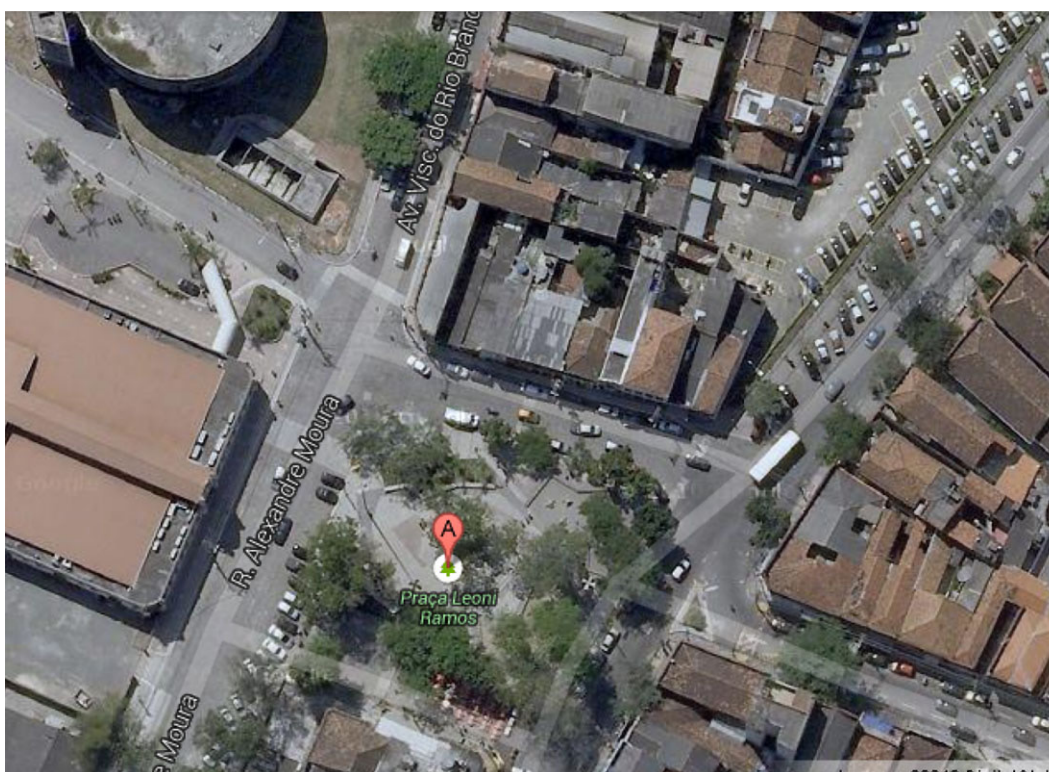
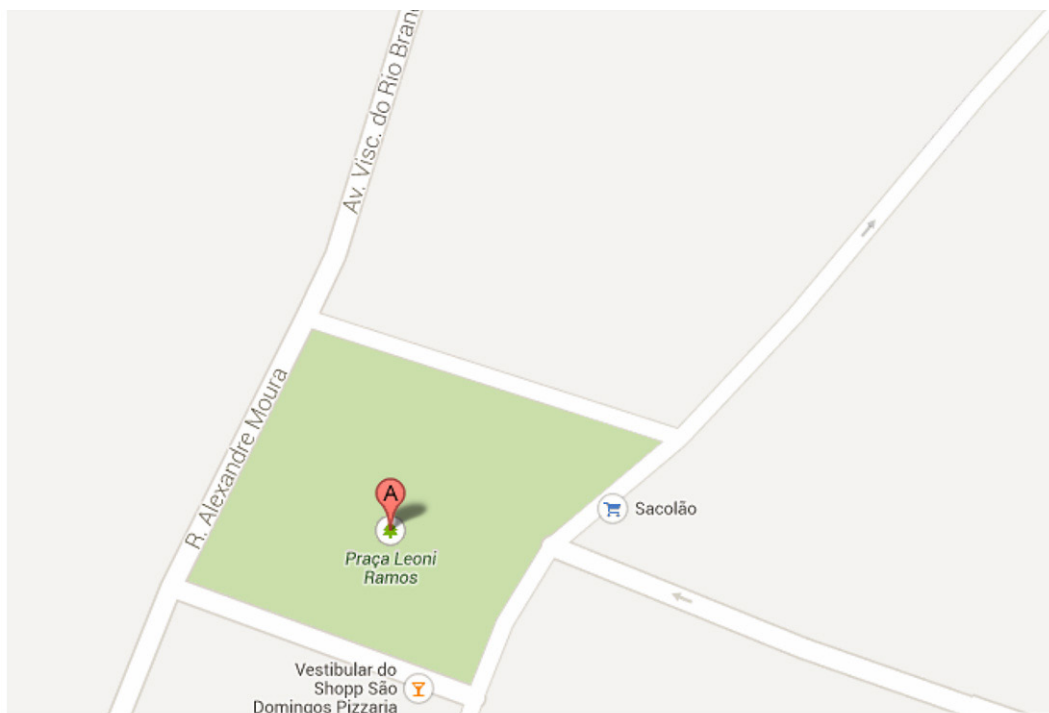


Abandono, descaracterização e deterioração da área.



Vistas do Morro da Penha.

**SÃO DOMINGOS
(PRAÇA LEONI RAMOS)**



Panorama histórico

O bairro de São Domingos é um dos mais antigos e menores bairros da cidade, tendo sua fundação ocorrida ainda no período colonial. Sua área apresenta fronteiras com a Baía de Guanabara, e com os bairros do Centro, Ingá, Boa Viagem e Gragoatá.

Área pertencente às Sesmarias dos Índios que foi ocupada pelo colonizador português. A proximidade com o Rio de Janeiro e as características geográficas naturais se mostraram pontos importantes para o desenvolvimento de um povoado, que seria conhecido como Largo de São Domingos. Além disso, São Domingos tinha uma ponte de atracação para os barcos que realizavam os trajetos marítimos do Rio de Janeiro para as terras de Niterói (neste mesmo local foi instalado o Estaleiro e Estação das Barcas da Companhia Cantareira e Viação Fluminense).

Em 1816, D. João VI acompanhado por outros membros da Corte, passou uma temporada em São Domingos. Para melhor abrigá-lo, um rico comerciante de escravos, proprietário de vários imóveis, presenteou o monarca com um casarão de três andares, que passou a ser chamado de Palacete — no largo de São Domingos.

Esta visita de D. João VI foi um fato marcante para o desenvolvimento de Niterói, facilitando o processo de elevação do povoado à condição de Vila Real. O Alvará Régio estabelecia que a sede da Vila deveria ser erguida “no lugar chamado de São Domingos da Praia Grande”. Em virtude do acanhado espaço do largo de São Domingos para erigir o Pelourinho (símbolo da autonomia), a Casa da Câmara e a Cadeia, a sede da Vila foi deslocada para outro local, o antigo Campo de Dona Helena, na parte voltada para a rua da Conceição.

Mesmo não tendo sido escolhido como sede da Vila, por todo o séc. XIX e início do séc. XX, São Domingos continuou sendo um dos locais de maior significação da cidade de Niterói.⁴

Com a criação e a instalação da Vila Real da Praia Grande em 1819, São Domingos começa a se destacar dos outros povoados recebendo membros da Corte, e posteriormente abrigando as residências de políticos e importantes personagens da história da cidade.

Esta herança permitiu que, ao longo dos anos, o bairro se desenvolvesse com a instalação de comércios, escolas, hospital, pensões, e o consequente aumento do número de moradias.

Com a expansão urbana em direção a outros pontos, principalmente aos bairros da Zona Sul (Ingá, Icaraí, São Francisco, etc), ocorreu uma certa estagnação no bairro, reforçada com o fim do bondes elétricos, cujas linhas passavam obrigatoriamente pela Praça, para que somente ao fim da década de 1990 começasse a apresentar sinais de reversão.

A partir da década de 1990, os antigos casarões do entorno do antigo Largo de São Domingos, atual praça Leonir Ramos, passaram a transformar-se em bares e restaurantes, devido à presença do Campus do Gragoatá da Universidade Federal Fluminense inaugurado no início dessa década.⁵

Com significativa concentração de bens tombados, o bairro apresenta hoje grandes contrastes entre o passado histórico e o presente, sensação intensificada pelas agressivas intervenções da especulação imobiliária, que constrói condomínios e grandes prédios onde antes eram casarios, e pelo crescimento desordenado da cidade, com a intensificação dos processos de favelização.

Mapeamento

Em nossas primeiras incursões a São Domingos, tomamos como ponto de partida a realização de um mapeamento físico-territorial dos elementos que configuram a Praça Leoni Ramos e seu entorno. Em uma análise geral, o bairro se caracteriza como majoritariamente residencial, com comércios de pequenas necessidades e forte presença de escolas e universidades.

Desta maneira, iniciamos nosso mapeamento buscando identificar os bens tombados pelo município e suas relações com o histórico do bairro e o presente vivido.

O lugar conhecido popularmente como *Cantareira* é constituído pela Praça Leoni Ramos (nome dado em homenagem ao prefeito Carolino de Leoni Ramos, que governou a cidade nos anos de 1905/1906) e pelo conjunto arquitetônico de seu entorno. Tal nome se deve à marcante presença do Portal da Estação Cantareira, hoje uma casa de shows cedida à iniciativa privada, mas que teve grande importância histórica para o desenvolvimento econômico, social e cultural do bairro, sendo cenário de marcos históricos, como a instalação do Estaleiro e Barcas em São Domingos; o incêndio da estação causado pela Revolta das Barcas em 1959; a reutilização -após o incêndio- como garagem dos bondes; ponto de partida para a realização do aterro em 1970; e ponto de encontro de jovens e ativistas culturais da região a partir dos anos 1990, abrigando diversos grupos culturais da cidade como o Movimento Pop Goiaba, o Arte Jovem Brasileira e o Araribóia Rock.

Outro importante bem tombado, com grande participação histórica no desenvolvimento do bairro, é a Igreja de São Domingos, hoje descaracterizada devido às diversas intervenções e obras realizadas, mas que teve sua fundação em 1652, ainda na Sesmaria dos Índios.

Com a realização do aterro em 1970, houve a expansão das terras de São Domingos para a Baía de Guanabara, e parte deste terreno criado foi cedido à Universidade Federal Fluminense, onde hoje temos o *campus* do Gragoatá, que abriga diversos cursos da Universidade, sendo um dos principais responsáveis pela circulação de pessoas nesta região.

A instalação do *campus* da UFF provocou grande mudança na dinâmica deste espaço, e hoje, vimos que a quase totalidade dos casarios preservados ao redor da Praça Leoni Ramos foram adaptados como bares e restaurantes, buscando com isso atender às necessidades desse novo “público” que passou a frequentar o lugar. Como exceções a estes usos, identificamos a existência de um armarinho, um brechó, uma Igreja Assembleia de Deus, uma borracharia e uma copiadora.⁶

Por fim, estendemos nosso mapeamento a uma pequena continuidade das ruas que cortam a Praça e identificamos ainda o *campus* da FAMATH (Faculdades Integradas Maria Thereza); um prédio moderno com influência da arquitetura internacional, com marcante presença de panos de vidro espelhados, onde funciona a sede da empresa AMPLA; imóveis com aspecto de abandono e ocupação como cortiço, o Museu Petrobrás de Cinema que juntamente com outras obras compõe o famoso Caminho Niemeyer (até o momento da finalização desta pesquisa ainda se encontrava em construção), e outras residências e pequenos comércios.

Em relação aos grupos sociais, identificamos moradores permanentes do bairro (pertencentes à classe média) – observamos que estes, geralmente, não se fixam na praça, mas passam por ela para se deslocar pelo bairro e para outros lugares- e moradores sazonais (também pertencentes à classe média) – são uni-

versitários que ocupam o bairro nas diversas repúblicas e imóveis alugados durante o período de aulas, mas que voltam para suas casas nos fins de semana e férias; estudantes e universitários; professores e funcionários das instituições do entorno, como UFF, FAMATH e AMPLA. Há, ainda, moradores de rua – verificamos que alguns grupos vivem e dormem na Praça e nas ruas laterais, sendo eles a reclamação de alguns moradores- moradores dos imóveis “abandonados” caracterizados como cortiços, além de turistas, visitantes e pessoas de outros bairros da cidade que se deslocam para a Praça para encontrar os amigos.

O projeto de revitalização de São Domingos – proposta para a praça Leoni Ramos

Assim como a região de Portugal Pequeno, a Praça Leoni Ramos e seu entorno também foram objeto de projeto de revitalização por parte da Prefeitura.

Segundo o projeto denominado “*Projeto de Revitalização de São Domingos – Proposta para a Praça Leoni Ramos – 2004*”, as ações propostas eram:

Como primeiro enfoque, o projeto prevê a reformulação da Praça Leoni Ramos, que se constitui num dos principais polos culturais do bairro. Localizada em frente à antiga Estação da Cantareira, a praça abriga o busto de D. Pedro II, tombado pelo município, e reúne no seu entorno edificações preservadas utilizadas como residências, bares, restaurantes, ateliês, sedes de ONGs e associações, além do campus de Universidade Fluminense. O projeto abrange também a recuperação das fachadas das edificações preservadas, a padronização do desenho de piso das calçadas, bem como dos engenhos publicitários, além do rema-

nejamento do ponto de táxi, atualmente localizado na Praça Leoni Ramos, para a Rua Alexandre Moura, após a Estação da Cantareira, e a colocação de semáforo na Av. Rio Branco, antes da entrada para o Campus da UFF (Gragoatá).⁷

Tal “reformulação” indicada no início do trecho supracitado consistia em intervenções estéticas, como troca de postes, pisos, árvores e mobiliário urbano, e nivelamento da praça com instalação de rampas para facilitar a acesso.

No entanto, como podemos ler na Ata da reunião do dia 22 de abril de 2007 do Conselho Comunitário da Orla da Baía realizado na Praça Leoni Ramos, moradores não estavam de acordo com o projeto proposto para a Praça, e denunciavam que este havia sido aprovado sem a participação deles:

Abertos os trabalhos e estabelecida à mesa, sendo presidida pelo Diretor, Sr. Carlos Augusto Valdetaro da Cunha e secretariado pelo Sr. José de Azevedo, Presidente do CCOB.

O Presidente fez um breve relato sobre as irregularidades na condução de todo o processo de elaboração do projeto da Praça, tendo em vista que os moradores em nenhum momento foram consultados e em assim sendo, não tiveram a oportunidade de opinar sobre o projeto, conforme prevê o Estatuto das Cidades. Que na última e única reunião, realizada esta semana pelo Secretário André Diniz, onde a comunidade não foi chamada, este Secretário admitiu publicamente que infelizmente houve uma falha daqueles que conduziram o processo anteriormente. Mas que infelizmente embora ele estivesse apresentando o projeto, este não mais poderia sofrer qualquer tipo de alteração, por participação dos moradores. Nesta reunião, houve muitas reclamações, prove-

nientes dos moradores que “souberam” da reunião e em ali estando, demonstraram todo o seu repúdio quanto à reunião ser ESCONDIDA e sendo ouvido apenas um segmento daqueles que usavam a Praça, que eram os donos de bares, mais uma vez desrespeitando os moradores de São Domingos.

Houve várias reclamações quanto à desordem que o bairro foi submetido, por conta da Prefeitura não fazer cumprir a lei e defender a desordem, onde os bares dominavam a situação, explorando o espaço público ao seu bel prazer e conveniência, estando, portanto a praça privatizada e a serviço de poucos comerciantes que não se preocupavam com o sossego da comunidade, não respeitando o código de posturas municipal, nem tão pouco a lei do silêncio o que vem levando os moradores ao desespero quando colocam o som alto não deixando as pessoas dormirem e que a tal a altura do som que as vidraças das casas chegam a vibrar. Além de serem realizados bailes gays, onde para espanto da comunidade, é praticado sexo em locais públicos, bem como cenas libidinosas na presença inclusive de crianças do bairro.⁸

Esta insatisfação por parte dos moradores aparentemente não foi ouvida, pois constatamos as mesmas queixas apresentadas nesta reunião nas entrevistas que realizamos com alguns moradores. A Praça foi executada tal qual a proposta pelo projeto, o que nos comprova que, pouco, ou quase nada, das reclamações dos moradores foi levado em conta em sua execução.

Errâncias: relato de incursões e percepções de São Domingos

Caminhando pelo bairro alcançamos lentamente o território da Cantareira e a Praça Leoni Ramos, um ambiente singu-

lar que remete a cidades do interior, um largo que assim como Portugal Pequeno nos remete a um “cenário” de filmes antigos.

No entanto, ao observar os “personagens” que circulam por estes espaços, vamos aos poucos compreendendo a dinâmica do lugar e o papel que cada um exerce na formação deste território.

Diferentemente das incursões realizadas a Portugal Pequeno, não senti nenhum incômodo por estar naquele lugar, pois ninguém que por mim passava parecia estranhar minha presença. Era apenas mais uma aluna da universidade que por ali passava, estando misturada com tantos outros que circulavam de um *campus* a outro, em um intervalo de almoço ou ida para o ponto de ônibus. Desta forma, minha presença se diluía entre os outros universitários e me sentia segura e confortável para vivenciar aquele espaço.

Sabendo das diferentes ocupações da praça ao longo dos dias da semana e horários, me programei para realizar a pesquisa em dias e horas diferentes. Desta forma, pude observar que pela manhã a região sempre estava mais esvaziada, e apesar de haver na Praça equipamentos e áreas destinadas às crianças, a presença destas nunca foi marcante (diferentemente de outra praça próxima, localizada no bairro do Ingá, que é reconhecida por todos como uma praça em que pela manhã é “dominada” pelas crianças, mães e babás). Pelas manhãs, observamos que a Praça se configura mais como um lugar de passagem, universitários e pessoas indo para o trabalho, e as únicas presenças constantes neste horário são as dos moradores de rua, que encontramos dormindo nos bancos.

Conforme a manhã vai passando verificamos uma maior circulação de pessoas, e os restaurantes começam a abrir suas portas para servir o almoço a alunos, professores e funcionários das instituições

do entorno. Exceto nos fins de semana e nos períodos de férias, onde ocorre um significativo esvaziamento deste lugar, esta dinâmica praticamente não se altera.

No entanto se esta dinâmica funciona para o dia, à noite a Cantareira é um pouco diferente. Com a chegada do fim da tarde e início da noite os bares e restaurantes colocam suas mesas e cadeiras nas ruas e recebem diferentes perfis de clientes. Identificamos que em alguns bares há apresentações ao vivo de artistas locais e ofertas de cardápios diferenciados como rodízios e culinária japonesa. Ao conversar com algumas pessoas sabemos também que houve uma época em que a própria Secretaria Municipal de Cultura realizava eventos gratuitos na Praça, o que juntamente com outras características, fortaleceu a identificação de uma vocação cultural da região.

Mas há um dia na semana em que a ocupação da Praça Leoni Ramos e entorno é realmente impressionante. Às quintas-feiras a aglomeração de pessoas na Praça e nos bares assusta quem estava acostumado com a movimentação da Praça durante o dia, como dito por um entrevistado: “é a *Quintareira*, o dia em que a *Cantareira* bomba”.

Cheguei com uns amigos que tinham o hábito de frequentar o lugar, e ainda tímida me pus a observar os grupos que se misturavam naquela multidão. Eram muitas pessoas, mas parecia existir uma organização natural entre aqueles que ali estavam, todos muito entrosados entre conversas e bebidas. Fui aos poucos, conversando com diferentes pessoas e percebendo as relações que configuravam aquele espaço naquele momento. No entanto, foi um “entrevistado” que revelou a mim uma ordem que ainda não tinha percebido e que somente ele, frequentador assíduo poderia me revelar. Este rapaz trabalhava como divulgador, entregando filipetas de outros eventos que aconteciam

na cidade, durante todas as quintas feiras (perguntei a ele: por que não nos outros dias? e como já esperava, ele informou que esse é o dia de maior movimento na Praça), e com isso circulava em todos os grupos que formavam aquela multidão.

Com o depoimento deste informante, identificamos que os grupos se organizam por afinidades e também por poder de consumo. Desta forma ele apontou as áreas ocupadas e seus respectivos grupos, sempre referenciados por um bar ou restaurante, ou pela não presença destes. Tentarei explicar verbalmente este mapeamento.

Em uma das pontas que compõem o “quadrado” da Praça temos a presença do *Tribus bar*, que para meu informante marca o espaço da ocupação LGBT na praça; nos bares ao lado do *Tribus*, ele identifica como a área de ocupação dos heterossexuais “*que não se incomodam com a presença dos homossexuais*”; do outro lado da Praça ele identificou como sendo área de ocupação de quem tem maior poder aquisitivo, e “*pode pagar caro pela cerveja*”, “*onde os professores da UFF ficam*”, em frente à Praça, no lado oposto da Estação Cantareira, há o Bar São Don Don, que por ele foi identificado como a área do pessoal que gosta de MPB; e no centro da Praça ele identificou como a área do pessoal alternativo, e mais “*barra pesada*”, havendo consumo de drogas em alguns casos.

Além destes, temos a presença também dos vendedores ambulantes de bebida, cachorro-quente, hambúrguer, e outros, que muitas vezes são a salvação do pessoal que não tem condições de consumir nos bares e restaurantes.

Circulei um pouco entre os grupos e ao conversar com algumas pessoas, perguntei sempre onde moravam, e para minha surpresa, ninguém morava em São Domingos, alguns moravam em bairros

vizinhos ou mesmo no município vizinho de São Gonçalo, mas muitos moravam no Rio e estavam ali para confraternizar com os amigos. Destes, grande parte eram alunos, professores e funcionários da UFF, outros eram de outras faculdades, mas tinha também a presença de funcionários da AMPLA e de visitantes que acompanhavam outros amigos.

A noite se estende até bem tarde, e a região é conhecida para alguns como a “Lapa de Niterói”. Deixei o local uma hora e meia da manhã e não tinha dúvidas de que aquela grande festa ainda demoraria muito a acabar.

Ao retornar para casa ficou a questão, por que o grande movimento se dá na quinta e não na sexta feira? Esta questão foi respondida por um outro informante, em outra situação, quinta-feira é o último dia para

os alunos que não moram em Niterói. No período de aulas, é o melhor dia para sair à noite, pois na sexta eles voltam para a casa.

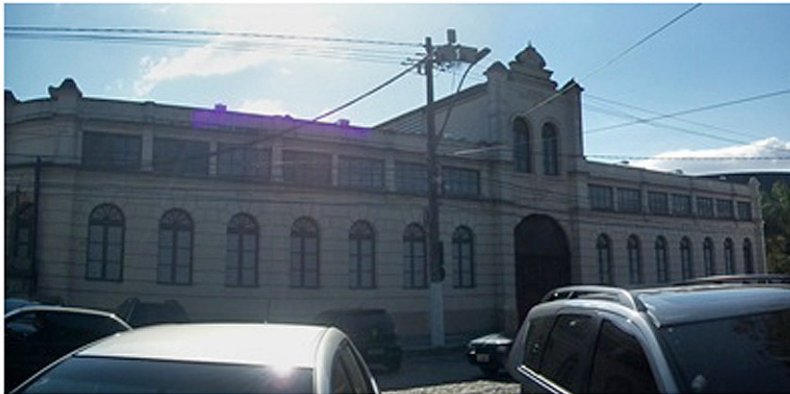
No dia seguinte, a quantidade de lixo denunciava a festa da noite que passou. Sendo esta uma das queixas dos moradores, além de outras como excesso de barulho, insegurança, “*comportamentos libidinosos*” e consumo e vendas de drogas na região, que são intensificados por estas “festas” na Praça.

Com a prática das errâncias pudemos ver que a impressão de um local calmo e tranquilo, onde a população vive satisfeita, é, na verdade, uma grande ilusão que o cenário físico e as relações superficiais colocam para o observador.

Registro fotográfico das errâncias:



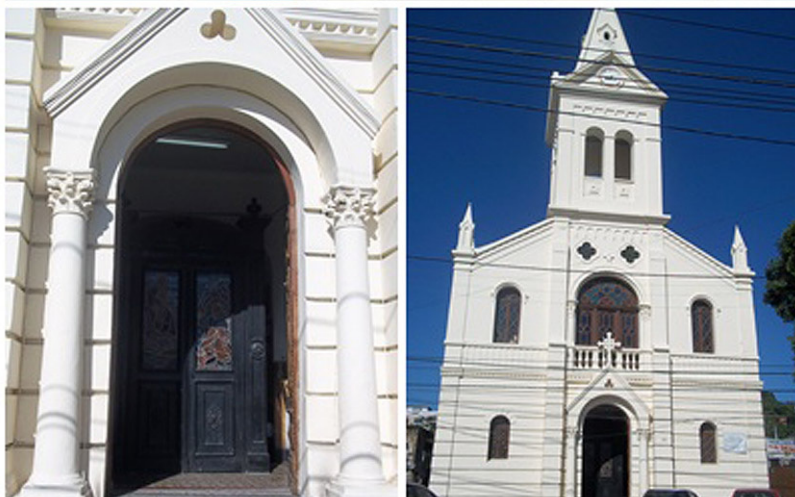
Museu Petrobras de Cinema Caminho Niemeyer.



*Bem tombado municipal
Portal da Cantareira – Rua Alexandre
Moura 2 – São Domingos.*



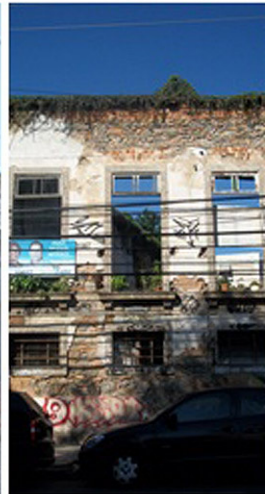
*Bem tombado municipal
Busto de Dom Pedro II – Praça Leoni
Ramos – São Domingos.*



*Bem tombado municipal
Igreja de São Domingos Gusmão –
Rua Alexandre Moura, 29
– São Domingos.*



*Bem tombado municipal
Imóvel situado na Rua Alexandre
Moura, 1, 3 e 5 – São Domingos*



Casarios abandonados nas ruas do entorno a Praça Leoni Ramos.



Presença dos bares no entorno da Praça Leoni Ramos.

Conclusão comparativa

A partir do aprofundamento das questões levantadas pela pesquisa por meio das leituras e visitas a campo, pudemos estabelecer uma análise comparativa quanto aos usos percebidos destes territórios, construindo pontos que se aproximam e outros que afastam quando comparadas as realidades de Portugal Pequeno e São Domingos.

Estes dois territórios tiveram sua fundação e desenvolvimento relacionados ao período colonial e a presença dos portugueses, e foram “abandonados” quando a cidade começou a crescer para outras regiões e bairros. No entanto, esta mudança na ocupação da cidade, por um lado, foi positiva para estes lugares, pois este abandono colaborou para a preservação de uma “ambiência histórica” e bucólica das duas regiões, o que, posteriormente, viria a ser “redescoberto” e valorizado.

As duas áreas que pesquisamos fazem fronteira com o bairro Centro e com a Baía de Guanabara, no entanto, essa característica física-territorial não condiciona uma igualdade na dinâmica destes territórios. Percebemos que a diversidade de usos em São Domingos, com escolas, faculdades, residências, empresas, ateliers, bares e restaurantes, proporciona uma ocupação mais dinâmica da Praça da Cantareira (embora também tenhamos questionamentos quanto a esta ocupação) do que a ocupação que temos em Portugal Pequeno, que com a presença massiva de estaleiros e indústria naval, deixa pouca abertura para outros usos, sendo estes limitados à pesca, bares e restaurantes e às residências do Morro da Penha.

Além disso, essas duas regiões foram objeto de projetos de “revitalização” realizados pela Prefeitura, mas que tiveram

motivações bastante diferentes. Enquanto em Portugal Pequeno a motivação de um projeto de “revitalização” se deu a partir de uma ligação histórica com o “mote” de um grande evento realizado pela Prefeitura de Niterói (Niterói encontro com Portugal – Brasil 500), e com conseqüente abandono após a realização do evento e o passar do tempo, vimos em São Domingos uma outra motivação: segundo consta no projeto, seriam ações para “garantir o conforto e a segurança dos usuários”.

No entanto, em nossa pesquisa, verificamos que a Praça não foi “desocupada” durante as obras, mesmo estando cercada por tapumes e não permitindo que as pessoas a ocupassem. As pessoas continuavam a ocupar os bares e as ruas ao redor da praça, o que nos prova que os “usuários” como o projeto se refere, não estavam muito preocupados com o conforto e a segurança, mas sim em encontrar os amigos e poder desfrutar daquele espaço público significado.

Outro ponto que aproxima essas duas regiões são os usuários e os interesses que detêm maior poder nas decisões e ações realizadas na região. Em ambos os lugares, verificamos que os moradores têm pouca ou quase nenhuma participação (de ocupação e de decisão) nestes espaços (vimos que a ocupação no final de semana destes lugares é bastante esvaziada), ao mesmo tempo em que as decisões são tomadas pela Prefeitura sem consultar as comunidades, estabelecendo diálogos somente com as instituições, comércio e empresários que estão fixados nestes espaços.

Após toda esta análise e resgatando as leituras produzidas ao longo da pesquisa, concluímos que para que Portugal Pequeno e São Domingos tenham seus usos e espaços valorizados, não basta uma ação da Prefeitura para isso acontecer. Primeiramente, deve-se ouvir a popu-

lação para que ela aponte as intervenções que realmente são necessárias e que realmente precisam de atenção. Obras de fachada, com o objetivo de integrar lógicas espetacularizadas ou de cunho eleitoral, não contribuem para o desenvolvimento dos lugares, apenas contribuem para a realização eficaz de uma maquiagem que o tempo, sabiamente, retira.

Bibliografia

AUGÈ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COELHO, Teixeira (org.) *A cultura pela Cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

GUELMAN, Regina Prado (org.). *A preservação do Patrimônio Cultural de Niterói*. Niterói, RJ: Fundação de Arte de Niterói, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2005.

JACQUES, Paola Berenstein. *Corpografias urbanas: o corpo enquanto resistência*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, Salvador - UFBA, Ano 5, nº especial, p.93-103, 2007.

LOPES, João Teixeira. *A cidade e a cultura*. Um estudo sobre praticas culturais urbano. Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto. Abril de 2000.

LUZ, Margareth. *O melhor de Niterói é a vista do Rio. Políticas Culturais e Intervenções Urbanas: MAC e Caminho Niemeyer*. (Tese do Programa de Pós-Graduação em Antropologia). Rio de Janeiro, UFRJ, 2008.

MELLO, Cláudia de Souza de. *Cantareira Shopping Cultural* – São Domingos. Niterói,

RJ. (TCC Graduação em Arquitetura – UFF – Niterói, RJ, 1990).

Revista Observatório Itaú Cultural/ OIC – n.5, (abr/ jun. 2008) – São Paulo, SP: Itaú Cultural, 2008.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos (coord.); VOGEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da Silva; MOLLICA, Orlando. *Quando a rua vira casa*. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

VARELLA, Marcos Vinícius. *Vila Pereira Carneiro: um paraíso em Niterói: 1918 – 2008*. Niterói/ RJ: Niterói Livros, 2008.

1 Retirado de (<http://www.felipepeixoto.com.br/index2.php>) – período do acesso: fev/2009

2 Texto de apresentação do projeto de reabilitação de Portugal Pequeno, retirado do catálogo do evento “Niterói Encontro com Portugal – Brasil 500” realizado pela Prefeitura de Niterói em 1998.

3 Todas as imagens, quando não identificadas as fontes, são da autora.

4 Retirado de http://ddp-fan.com.br/bairros/sao_domingos.htm

5 Retirado de [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantareira_\(Niter%C3%B3i\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cantareira_(Niter%C3%B3i))

6 Importante enfatizar que, em todo o bairro existem outras instituições e usos, no entanto, restringimos nosso mapeamento ao entorno da Praça Leoni Ramos.

7 Trecho retirado do texto de apresentação do “Projeto de Revitalização de São Domingos – Proposta para a Praça Leoni Ramos – 2004”, adquirido no Departamento de Preservação e Reabilitação do Patrimônio Cultural da Secretaria Municipal de Cultural de Niterói.

8 Retirado de: <http://www.conselhoorlaniteroi.xpg.com.br/50.html> - data de acesso: jun/2009